

PAULO FREIRE E O MCP EM RECIFE-PE UMA HISTÓRIA DE EDUCAÇÃO MARCANTE PARA GUARDAR NA MEMÓRIA NA NOVA DÉCADA

Luci Maria da Silva¹

RESUMO: Este artigo é resultante dos estudos realizados no curso de doutorado: Programa de Pós-Graduação do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba - Linha de Pesquisa Políticas Educacionais e, tem como objetivo destacar que, tanto Paulo Freire quanto o MCP se tornaram e, se difundiram marcadamente, por serem referências para outros movimentos que surgiram no território brasileiro – esse legado está além do esquecimento. Portanto, a metodologia bibliográfica consiste em um levantamento da retrospectiva histórica, trazendo os postulados necessários para situar o leitor sobre os acontecimentos sociais que estavam consolidados naquela época e os fatores que são interessantes dentro da exposição historiografia do período de 1958 até 1964 em Pernambuco. Afinal, alguns autores como: Germano (2011), Goés (1991), Cunha (1985), (BARBOSA, 2007), (COELHO, 2012), entre outros, enfatizam a ascensão da educação através das práticas Freiriana e do MCP.

Palavras Chaves: Freire. MCP. Política. Ética. Educação.

1. INTRODUÇÃO

As laudas que seguem têm como perspectiva principal delinear a panorâmica evidência a relação que a natureza política e ética da figura de Paulo Freire o grande educador popular de Recife tem com o MCP. Já que o Movimento de Cultura Popular ocorrido em Recife, se tornou um exemplo marcante para outros movimentos. Para início, é importante fazer uma retrospectiva histórica, trazendo os postulados necessários para situar os acontecimentos sociais que estavam consolidados aos fatores que são interessantes dentro da exposição historiografia do período de 1958 até 1964. Esses aspectos significantes citados acima conduziram para o resgate da memória e da história, sendo possível pontuar as causas e as consequências que contribuíram para que em Pernambuco, os feitos realizados pelo MCP se tornassem inesquecíveis (PERNAMBUCO, 1986). Todo o legado histórico do MCP é uma verdadeira resistência, que se perpetuou até os dias atuais, pois, não permaneceu no esquecimento. Pois, durante

¹ Pedagoga, Especialista em Administração Escolar e Coordenação Pedagógica pela UFPE e, Mestra em Políticas Educacionais e Doutoranda pela UFPB.

os anos cinquenta, mesmo sendo a crise da hegemonia predominante, que repercutiu com toda a força naquele período, não somente em Pernambuco, mais em todo o território brasileiro de acordo com Germano (2011).

Ressaltando que, é imensamente impactante a grande seca que assolava o nordeste em 1958, o que proporcionou um olhar específico para as minorias – comunidades inteiras sofrendo e passando necessidade.

Naquela conjuntura de 1958, aparece o trabalho educativo com o homem e não para o homem, conceituado como o tema do II Congresso Nacional de Educação de Adultos, expondo uma prática que posteriormente será um norte significativo levado em consideração a administração do Prefeito da cidade do Recife Miguel Arraes (GÓES, 1991, p.51). Esses e outros episódios ativaram os feitos teóricos e práticos do MCP.

Uma vez que, foi em Recife no Bairro de Casa Amarela, no Sitio da Trindade – denominado Arraial do Bom Jesus onde o MCP foi fundado. Essa sede que abrigou o MCP serviu para favorecer a formatação das ideias que foram desenvolvidas. Para Goés (1991, p.51), a definição do objetivo principal do MCP se constituiu nesse local, e era: “Conscientizar as massas através da alfabetização e educação de base [...] e incorporar à sociedade os milhares de proletários e marginais do Recife [...]”. Contudo, o campo de ação se tornou amplo para as subjetividades e especificidades do MCP. Quando se questiona persistentemente, perguntas como: O que realmente era o MCP? Por que MCP? Para responder a esses questionamentos, Cunha (1985, p. 18-19) seguiu dizendo:

O melhor é dar a palavra ao próprio MCP que abriu o seu Plano de Ação para 1963 com o seguinte diagnóstico:

Um movimento de cultura popular só surge quando o balanço das relações de poder começa a ser favorável aos setores populares da comunidade e desfavorável aos seus setores de elite. Esta nova situação caracteriza, de modo genérico, o quadro atual da vida brasileira. No caso particular de Pernambuco, primeiramente em Recife, logo depois em todo o Estado, aquele ascenso democrático assumiu proporções inéditas, daí resultando um elemento qualitativamente novo na configuração do movimento de cultura popular. Em Recife, e a seguir em Pernambuco, as forças populares e democráticas lograram se fazer representar nos postos-chaves do governo e da administração. A ocorrência dessa conquista, alcançada através do esforço organizado das massas populares, criou novas condições que se traduzem na possibilidade do movimento de cultura popular ser financiado por recursos públicos e ser apoiado pelos poderes públicos. Tal fato é praticamente inexistente no resto do país, onde, via de regra, os movimentos de cultura popular encontram, como condições adversas a

sua existência e ao seu funcionamento, a hostilidade do poder público e a ausência de dotações orçamentárias para fins de cultura popular².

O movimento popular gera o movimento de cultura popular. O movimento de cultura popular, ao atingir determinada etapa de seu processo de desenvolvimento, experimenta a necessidade de liquidar certos entraves de ordem cultural que se apresentam como barreiras características daquela etapa obstaculizando a passagem para a etapa seguinte. A superação de tais dificuldades se apresenta assim como condição para o prosseguimento do processo.

O movimento popular não gera um movimento cultural qualquer. Gera, precisamente, um movimento de cultura popular. Os interesses culturais do movimento popular têm, portanto, um caráter específico: exprimem a necessidade de uma produção cultural, a um só tempo, que voltada para as massas e destinada a elevar o nível de consciência social das forças que integram, ou podem vir a integrar, o movimento popular.

A demanda por uma consciência popular adequada ao real e possuída pelo projeto de transformá-lo é característica do movimento popular porque este se assenta nas três seguintes pressuposições:

- a) só o povo pode resolver s problemas populares;
- b) tais problemas se apresentam como uma totalidade de efeitos que não pode ser corrigida senão pela supressão de suas causas radicadas nas estruturas sociais vigentes;
- c) o instrumento que efetua a transformação projetada é a luta política guiada por ideias que representam adequadamente a realidade objetiva. (CUNHA, 1985, p. 18-19).

A citação que foi referenciada respalda o sentido mais profundo do que o MCP realmente representou, e deixa claro que, nas palavras proferidas a congruência política é bastante nítida. Como também, fica explícito o apoio e o enorme interesse pelas causas dos oprimidos. Indo mais além, é possível declarar que o MCP visava oferecer cultura com e, para a população do Recife-Pe. Por conta disso, Cunha (1985, p. 19) confirma com veemência as situações baseadas em alguns propósitos, como:

[...] O seguimento político, aqui identificado como ascenso democrático de proporções inéditas em Pernambuco, é consequência das vitórias eleitorais da Frente do Recife, competentemente costuradas por Pelópidas Silveira, Miguel Arraes e outras lideranças populares. A Frente do Recife, congregando as forças progressistas e alguns segmentos liberais e conservadores modernos, permitiu um programa de democratização do poder decisório em Pernambuco, a principal “Casa-Grande” do Nordeste oligárquico. [...]. (CUNHA, 1985, p. 19).

² Grifos nossos.

Então, são muitas as questões refletidas na representatividade³ que marcou a trajetória do MCP e de seus componentes, que é pontuada no quadro descrito por Coelho (2012, p.7), o qual fez uma retrospectiva, se reportando aos anos cinquenta, que é a indicação do início da caminhada, certamente, pelo seguinte fato: “[...] O primeiro “Peuple et Culture”, denominava-se também, oficialmente, “Mouvement de Culture Populaire”. [...] (nome que vingou na França), “Histoire de L’Éducation Populaire”, [...]”.

Entretanto, o MCP recebeu diversas influências, principalmente de obras e autores franceses. Seu nome foi herdado do movimento francês *Peuple et Culture* (Povo e Cultura). Suas atividades iniciais eram orientadas, fundamentalmente, para conscientizar as massas através da alfabetização e da educação de base. Ademais, essas ideologias foram visualizadas por alguns estudantes pernambucanos que se encontravam no território francês, os quais tomaram como modelo toda a ideologia, para começar uma luta social, transportando para a sociedade recifense até o sobrenome utilizado pelos franceses.

No entanto, o Movimento de Cultura Popular (MCP) foi criado no dia 13 de maio de 1960, como uma instituição sem fins lucrativos, durante a primeira gestão de Miguel Arraes na Prefeitura do Recife, que houve a necessidade de caminhar junto com a população.

Paralelamente, o movimento de cultura popular consagrou-se concomitantemente com o movimento popular. Em síntese, dessa ambivalência, surgiu uma aliança com o povo e para o povo.

E que se tornou um modelo, fazendo com que nascesse outras movimentações similares e que copiaram, especialmente, a forma de abordar as manifestações do povo, incluindo uma educação alfabetizadora.

Desta forma, a sede onde funcionava o MCP era o Sítio da Trindade, antigo Arraial do Bom Jesus, localizado no bairro recifense de Casa Amarela. Atualmente, é conhecido por Sítio da Trindade, está convertido em um espaço público, porém, sem informações de todo os aspectos que ocorreram no passado.

Tendo em vista, que a história do Sítio da Trindade é bastante ampla, necessariamente, por ter sido testemunho de alguns importantes momentos históricos ao longo de séculos e remonta aos primórdios da origem da capitania de Pernambuco, como

³ Relacionada com as representações do mundo social em Chartier (1988, p.17).

uma área de aproximadamente 6,5 hectares, se estima, que hoje, é frequentado pelos moradores da Zona Norte para atividades físicas, passeios, aulas e diversão.

O local, porém, é muito importante também para a história pernambucana e brasileira. Em consonância, foram conferidos fatos históricos que ocorreram nesse espaço, sendo considerado protagonista de relatos interessantes.

As pesquisas demonstram, que o Sítio da Trindade foi um forte de defesa, **durante a invasão holandesa**, por ser um terreno elevado e, naquela época, o Bairro de Casa Amarela era considerado um “interior” do Recife, nessa localidade foi montado o Forte Arraial do Bom Jesus, também chamado de Arraial Velho, em 1630. Até 1635 o general Matias de Albuquerque manteve o Forte como um ponto de resistência contra os holandeses. Segue foto do local:

FÍGURA 1 – Sítio da Trindade



Fonte: Fundação Joaquim Nabuco – Foto do Sítio da Trindade.

No ano de 1635, os holandeses bombardearam o local e os militares foram embora. Assim, é correto dizer que **Casa Amarela começou** por conta do forte, o exército luso-brasileiro montou um acampamento no local e cerca de mil moradores de Olinda e do Recife se mudaram para as proximidades do Sítio da Trindade, em busca de segurança. Algum tempo depois do bombardeamento do forte, os moradores começaram a reparar as

casas danificadas e também construíram outras moradias. Devido às circunstâncias mencionadas, é correta a afirmação que confere ao Povoamento do Arraial Velho o início do surgimento da vila que deu origem ao bairro de Casa Amarela. Quanto ao nome “Trindade” – Sítio da Trindade, vem da família Trindade Paretto que ficou com a posse do terreno. Em 1952 o sítio foi desapropriado e, em 1974 foi classificado como conjunto paisagístico tombado pelo Instituto Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Todavia, o Sítio da Trindade tornou-se **sede do Movimento de Cultura Popular** a partir de 13 de maio de 1960, desta data em diante, se intensificaram nessa localidade as ações e as intenções do que ficaria na prática do movimento, se caracterizando pelas reuniões dos intelectuais, políticos e artistas, como: Germano Coelho, Paulo Freire, Abelardo da Hora, Francisco Brennand, José Cláudio e Ariano Suassuna, entre outros (BARBOSA, 2009). O local serviu de abrigo para estruturar uma roupagem da educação de base e, concomitantemente, para a alfabetização de adultos. No dia do golpe militar de 1964, dois tanques do exército foram colocados nos jardins da entrada do Sítio Trindade. O espaço onde funcionava o MCP foi invadido pelos militares e depredado. Todo o material pedagógico foi apreendido como prova de subversão e, depois queimado. Obras de arte foram destruídas e muitos dos envolvidos no MCP foram perseguidos, presos ou exilados. Aliás, o MCP representou no contexto social de Recife-PE e porque não dizer, em todo o Brasil, constatado como primeiro movimento de cultura popular criado nos anos de 1960. Após a posse de Miguel Arraes como prefeito do Recife, eleito por uma coligação de partidos de oposição aos governos anteriores. O que desta forma, possibilitou a Miguel Arraes reunir um grupo de intelectuais “progressistas”, comunistas e católicos, propondo uma ação estratégica nas áreas de educação e de cultura. Desse encontro resultou a incorporação da experiência anterior de praças de cultura, promovida por Abelardo da Hora, sob o patrocínio da própria prefeitura, em um projeto mais amplo. Para que o trajeto desse evento tivesse sucesso, assumiu a coordenação desse movimento Germano Coelho, que havia chegado há pouco tempo da Europa, onde conheceu várias experiências, em particular a do movimento *Peuple et Culture*.

2. MATERIAL E MÉTODO

Contemplando a história através da memória como fonte pela qual pode-se alcançar um conjunto de lembranças sobre um fato histórico que se atribuem como perspectiva de

outras versões, sendo a memória dinâmica marcada por lembranças, esquecimento e silêncio.

Diante disso, Le Goff (1990, p. 424) ressalta que: “[...] a falta ou a perda, voluntária ou involuntária, da memória coletiva nos povos e nas nações pode determinar perturbações grave da identidade coletiva. [...]”.

Partindo do pressuposto citado, encontra-se em destaque uma revisão da literatura acerca da educação baseada no legado existente nos livros que tratam de Paulo Freire e sua relação com o MCP. Tendo como materiais as obras de diversos autores que tratam do assunto

Enfim, o método bibliográfico foi utilizado para delinear o panorama investigativo com a visão de diversos autores e autoras que retratam o contexto histórico de 1958 até 1964.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Em pleno século XXI é preciso lembrar de paradigmas educativos que foram discutidos e são resultantes de procedimentos que não devem passar despercebidos. Reviver a memória dos legados de Freire e do MCP, tendo em vista que, são propícios para a educação da década que se inicia, pois enfatizam a luta por uma educação igualitária.

Para tanto, é preciso iniciar os relatos sobre essa movimentação dizendo que, foi Anita Paes Barreto que ficou encarregada da implantação de escolas primárias para crianças e adolescentes dos bairros não atendidos pela rede municipal, contando com a colaboração de várias entidades e com uma parceria entre a prefeitura e a população interessada. Definiu-se um projeto de escolas radiofônicas para jovens e adultos e começou-se a trabalhar intensamente em várias áreas da cultura, valorizando o artesanato local, promovendo a realização das festas populares: São João, Reisado etc., além disso, houve festivais de cinema e apresentação de autos e peças teatrais originais. Foram organizados também clubes de leitura e centros de cultura, além de exposições permanentes de arte e artesanato popular.

Por esse viés, a constituição do MCP se originou com estudantes universitários, artistas e intelectuais e tinha como objetivo realizar uma ação comunitária de educação popular, a partir de uma pluralidade de perspectivas, com ênfase na cultura popular, além de formar uma consciência política e social nos trabalhadores, preparando-os para uma

efetiva participação na vida política do País. Como ressalta um dos seus idealizadores, o professor Germano Coelho – que depois foi eleito prefeito da cidade de Olinda, alegando que:


[...] O Movimento de Cultura Popular nasceu da miséria do povo do Recife. De suas paisagens mutiladas. De seus mangues cobertos de mocambos. Da lama dos morros e alagados, onde crescem o analfabetismo, o desemprego, a doença e a fome. Suas raízes mergulham nas feridas da cidade degradada. Fincam-se nas terras áridas. Refletem o seu drama como “síntese dramatizada da estrutura social inteira”. Drama também de outras áreas subdesenvolvidas. Do Recife com 80.000 crianças de 7 a 14 anos de idade sem escola. Do Brasil, com 6 milhões. Do Recife, com milhares e milhares de adultos analfabetos. Do Brasil, com milhões. Do mundo em que vivemos, em pleno século XX, com mais de um bilhão de homens e mulheres e crianças incapazes sequer de ler, escrever e contar. O Movimento de Cultura Popular representa, assim, uma resposta. A resposta do prefeito Miguel Arraes, dos vereadores, dos intelectuais, dos estudantes e do povo do Recife ao desafio da miséria. Resposta que se dinamiza sob a forma de um Movimento que inicia, no Nordeste, uma experiência nova de Universidade Popular (COELHO, 2012).

A citação mostra as variadas consequências que fizeram prevalecer à marca histórica da cidade do Recife e das características marcantes do MCP. Nesse sentido, é conveniente elucidar o posicionamento de Shiroma (2000, p. 30 – 31) assinalou:

Os chamados “movimentos de educação popular” articulados no início dos anos de 1960 tiveram atuação surpreendente e atraíram intelectuais e militantes preocupados com questões educativas. Expressam bem esses movimentos: os Centros Populares de Cultura, [...] que levavam “o teatro ao povo”, improvisando a encenação de peças políticas em portas de fábricas, sindicatos, favelas. Os Movimentos de Cultura Popular, o MCP, originário de Pernambuco. As alfabetizações em massa propostas pelo governo estadual possuíam dois claros objetivos políticos. Por um lado, uma alfabetização que contribuísse para minorar a indigência e a marginalização das massas populares fortalecendo-as contra a demagogia eleitoral. Tratava-se, por conseguinte, de organizar a população em torno de interesses reais, como a cidade, o bairro, a profissão. Por outro, havia uma finalidade eleitoral imediata: alfabetizar para aumentar o número de eleitores, uma vez que, à época, o voto ainda não era facultado aos iletrados. [...]. (SHIROMA, 2000, p. 30 – 31).

Pela citação supramencionada, o MCP se consagrou com os livros didáticos publicados para a educação seguem em destaque as imagens de alguns:

TABELA 1 – Ações do MCP

	
<p><u>Livro de leitura</u></p>	<p><u>Meninos do Recife</u></p>

Fontes e imagens: pesquisaescolar@fundaj.gov.br; BARBOSA. Movimento de Cultura Popular em Pernambuco: evolução e impactos na sociedade. Tese de doutorado em educação, Universidade Federal da Paraíba em 2007.

As fotografias acima demonstram que o MCP seguiu firme e forte. Ressaltando que a Prefeitura de Recife deixou a disposição do movimento 19 viaturas e 30 imóveis. Porém, com a eleição de Miguel Arraes ao governo Pernambucano, o movimento foi encampado pela administração estadual.

As representações são consideráveis e, nesse contexto, é preciso lembrar o poema de Antônio Gonçalves Dias, que anunciou:

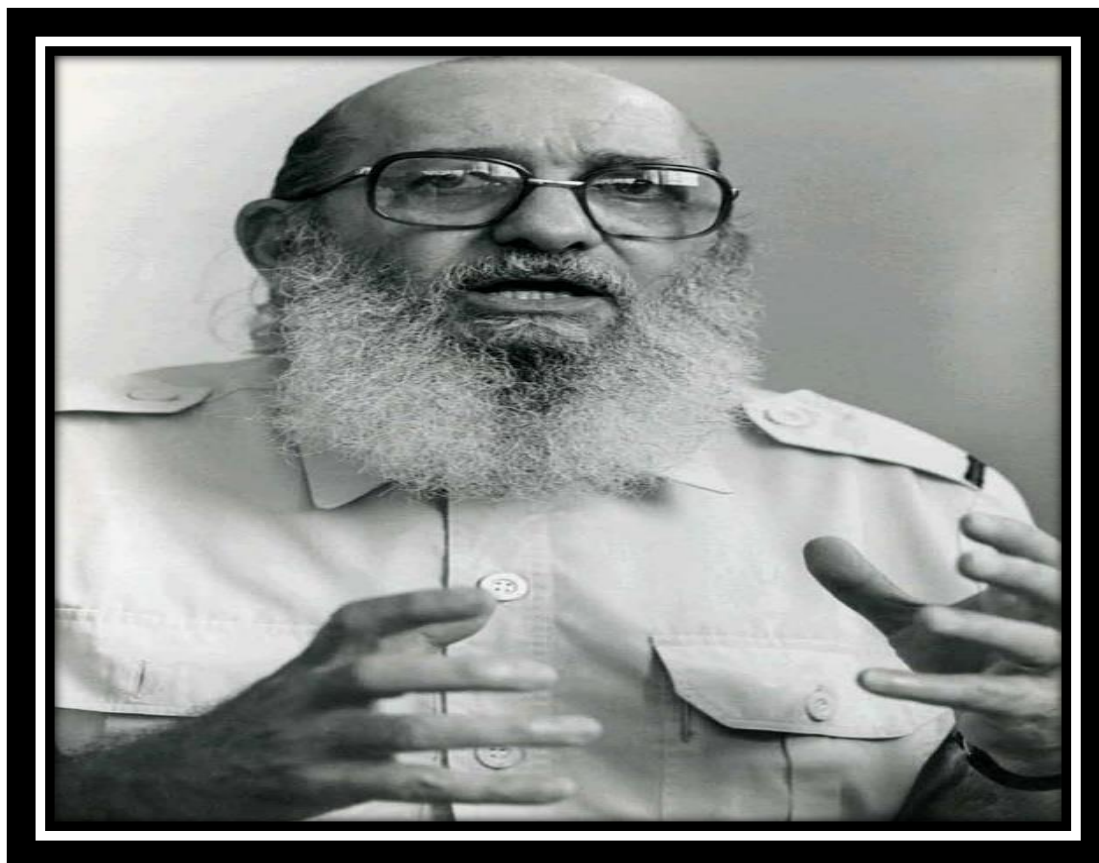
[...] A vida é luta renhida,
Viver é lutar
A vida é combate
Que os fracos abate,
Que os fortes, os bravos só podem exaltar. [...].
(<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/vo000013.pdf>).

As palavras escritas poeticamente tecem o cenário pernambucano pela vontade e coragem com que o MCP entrou na luta pela educação, e Lima (2001, p. 30 - 31) confessa:

[...] Germano Coelho (continuando):
Eu havia sido indicado para ocupar a secretaria de Educação, quando Miguel Arraes foi eleito Prefeito da Cidade do Recife. Mas, o Recife não contava então com uma rede escolar. Portanto, não caberia contar com uma Secretaria de Educação. A alternativa à Secretaria de Educação era o DDC (Departamento de Documentação e Cultura). Paulo Freire foi nomeado diretor da Divisão de Cultura e Recreação do DDC. Foi na condição de diretor do DDC que Paulo Freire viveu o conflito referido por Almeri. [...]. (LIMA, 2001, p. 30 - 31)

Contudo, foi no Rio Grande do Norte, que a partir das primeiras experiências de Freire começaram, em 1963, quando ensinou 300 adultos a ler e a escrever em 45 dias (CARVALHO, 2011, p. 66-77). A seguir uma foto de Freire com uma frase:

FÍGURA 2 - PAULO FREIRE



Fontes: retrato de Freire - Instituto Paulo Freire - <https://www.paulofreire.org>.

Diante destas prerrogativas evidenciadas, reverenciando o estudo da Educação de Jovens e Adultos, e partindo da premissa de Freire (2005, p.37) que afirma: “[...] se a situação opressora gera uma totalidade desumanizante, que atinge os que oprimem e os oprimidos, [...]”. O que para Coelho (2001) significou que:

Paulo Freire não acompanhou a elaboração do MCP, porque sua entrada no Movimento de Cultura Popular se deu a partir de uma conversa entre nós, quando lhe apresentei o projeto e o Estatuto do MCP. Sua resposta foi imediata: “Me ponha dentro disso!”

A ausência de Paulo Freire nos momentos iniciais, de planejamento do MCP, justificava-se por seu envolvimento no concurso para a

Cátedra de História e filosofia da Educação, na Escola de Belas Artes, Paulo Freire perdeu o concurso para Maria do Carmo Miranda. [...]. (FREIRE, 2001, p. 29).

Nesse panorama referido é possível enfatizar que, em setembro de 1961 e fevereiro de 1964, o movimento realizou uma experiência através do rádio, transmitindo programas de alfabetização e de educação de base com recepção organizada em escolas experimentais. Paralelamente, procurou diversificar suas atividades, criando “parques” e “praças de cultura”. Os primeiros destinavam-se a melhorar as condições do lazer popular, estimulando a prática de esportes, e a apreciação crítica de filmes, peças teatrais e música. As praças de cultura consistiam em centros de recreação e de educação cuja finalidade era despertar a comunidade de cada bairro para seus problemas, seguem algumas confirmações

Os centros, recreativos passíveis de serem transformados em praças eram chamados de “núcleos de cultura”. Com esse modo de visualizar a educação o MCP se tornou um requisito para a proposta educativa em Recife. E a metodologia freireana pode ser utilizada, simplesmente, assim:

Freire propõe a aplicação de seu método nas cinco fases seguintes:

1ª fase: levantamento do universo vocabular do grupo. Nessa fase, ocorrem as interações de aproximação e conhecimento mútuo, bem como a anotação das palavras da linguagem dos membros do grupo, respeitando seu linguajar típico. 2ª fase: escolha das palavras selecionadas, seguindo os critérios de *riqueza fonética*, *dificuldades fonéticas* - numa sequência gradativa das mais simples para as mais complexas, do comprometimento pragmático da palavra na realidade social, cultural, política do grupo e/ou sua comunidade.

3ª fase: criação de situações existenciais características do grupo. Trata-se de situações inseridas na realidade local, que devem ser discutidas com o intuito de abrir perspectivas para a análise crítica consciente de problemas locais, regionais e nacionais. 4ª fase: criação das fichas-roteiro neles havia indicações de possíveis subtemas ligado as palavras geradoras e sugestões de encaminhamentos para análise dos temas selecionados que funcionam como roteiro para os debates, as quais fossem apenas sugestões esses roteiros eram de grande valia, principalmente no início do trabalho quando a alfabetizador era também iniciante. 5ª fase: criação de fichas de palavras para a decomposição das famílias fonéticas correspondentes às palavras geradoras. ([https://pt.wikipedia.org/wiki/Método Paulo Freire](https://pt.wikipedia.org/wiki/Método_Paulo_Freire)).

Pelo que foi citado, para Cunha (1985, p. 21) o método de Paulo Freire se destacou com:

A metodologia do Sistema Paulo Freire implica o cumprimento das conhecidas etapas que devem ser executadas na seguinte ordem: levantamento do universo vocabular do grupo que se vai alfabetizar; seleção neste universo dos vocábulos geradores, sob um duplo critério: o da riqueza fonética e o da pluralidade do engajamento na realidade local, regional, nacional; criação de fichas-roteiros, que auxiliam os coordenadores de debates no trabalho; leitura de fichas com a decomposição das famílias fonéticas correspondentes aos vocábulos geradores. [...]. (Cunha, 1985, p. 21).

O que foi referenciado acima é interessante, entretanto, Goés (1991, p. 52) confirma que o valor do MCP cresce imensamente com o Sistema de Paulo Freire, pois:

[...] historicamente, o Método Paulo Freire nasce no Centro de Cultura do MCP Dona Olegarina, no Poço da Panela, no Recife, em 1961, fruto de 15 anos de acumulação de experiências do educador pernambucano no campo da educação de adultos, em áreas proletárias e subproletárias, urbanas e rurais.

A obra de - e sobre - Paulo Freire é, hoje, certamente, a mais extensa e mais profunda que já se escreveu sobre o pensamento pedagógico de um brasileiro. [...]. (GOÉS, 1991, p. 52).

Participaram do MCP intelectuais e artistas conhecidos como Francisco Brennand, Ariano Suassuna, Hermilo Borba Filho, Abelardo da Hora, José Cláudio, Aloísio Falcão e Luiz Mendonça. Logo, nem só de glórias viveu o MCP, mas, muitas vezes foi criticado. Para responder às críticas que o Movimento vinha sofrendo, os membros dirigentes do MCP resolveram publicar nota ao povo:

[...] “(...) todo o povo do Recife sabe que o MCP é antes e acima de tudo idealismo, abnegação, honestidade, competência técnica e espírito de voluntariado de populares, intelectuais e estudantes: são 201 escolas instaladas em menos de três anos, com 626 turmas, diurnas, vespertinas e noturnas; são 19.646 alunos, crianças, adolescentes e adultos recebendo educação primária, supletiva e de base. (...) ataques desta ordem, planejados, coordenados e desfechados, às vésperas de eleições, contra o MCP têm um só objetivo: amesquinhar, com propósitos escusos, obra administrativa séria, patriótica e apolítica que segundo o testemunho de alguns dos maiores educadores brasileiros honra as tradições culturais do Recife”. (JORNAL DO COMMERCIO, 02.09.1962).

Sem dúvidas, a partir de 1963, as atividades do MCP se ampliaram, e para Goés (1991, p. 51) aconteceu o seguinte:

[...] Com o tempo o MCP diversificou seu campo de ação e novos tipos de contatos com a massa forjada. As associações de Cultura Popular são ponto de partida para as linhas de ação que, em 1963, quando Miguel Arraes já é Governador de Pernambuco, estavam assim definidas: núcleos de cultura popular; meios informais de educação; alfabetização e educação de base; editorial e imprensa; teatro; cinema; esportes; artes plásticas e artesanato; dança; canto e música popular; ensino elementar e pesquisa. Nessa data, o MCP buscava “sintetizar na mesma unidade o esforço do movimento popular como o esforço do movimento de cultura popular; modos de ação que transcendem a característica de mera doação de bens culturais produzidos internamente pelo movimento e, a seguir, oferecidos à comunidade como produtos acabados em relação aos quais só cabe o ato de consumo.

Para atingir esses objetivos, o MCP, em 1963, recomendava o predomínio de atividades que se caracterizavam: a) pela oferta de assessoramento a esforços criadores de cultura desenvolvidos pelos núcleos de cultura das próprias organizações populares; b) pela aplicação das várias modalidades de incentivos ao surgimento, ao florescimento e à multiplicação de fontes produtoras de cultura popular; c) pela criação de mecanismos de estímulos e de coordenação capazes de criar interdependência e ajudas mútuas entre as diversas organizações nos seus diversos níveis de existência social, facilitando desse modo que as deficiências e permitindo, em última análise, que as mais atrasadas encontrem condições favoráveis para ascender em nível das mais adiantadas. [...]. (GOÉS, 1991, p. 51).

Pelo exposto, é possível verificar que os procedimentos e as atividades do MCP são múltiplas, indo mais além do se possa imaginar e, que transformou o Recife e a visão do povo do bairro de Casa Amarela e adjacência. Outra matéria jornalística que está registrado no Diário de Pernambuco, de março de 1962, no texto sobre a interiorização das ações do MCP em Pernambuco com o título: “Escolas do M.C.P, também no interior”. A presença de Arraes ao ser eleito governador, foi essencial para o destaque do MCP na cena política do Estado de Pernambuco. Ao assumir o governo Estadual, Miguel Arraes tinha a intenção de estender esse o projeto planejado e organizado pelo MCP a todo o Estado.

As entidades de ensino foram inauguradas e já estão em pleno funcionamento. Esta semana, o MCP enviou duas professoras àquela cidade, com o objetivo de formar as equipes de monitores que se encarregarão das turmas. As aulas serão transmitidas pela Rádio Clube de Pernambuco, como ocorre, também, nos 150 estabelecimentos que o MCP instalou no Recife (JORNAL DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1962). Logo, essa notícia procura mostra a importância da interiorização das ações de Educação Popular para além da capital Recife. Esse fato foi de grande importância para a cidade de

Palmares, que naquele momento vivenciava um período de forte tensão social e política. Em termos de contexto sociocultural, Palmares tinha o cognome de “Atenas Pernambucana”, e a alcunha de “Terra dos Poetas”, sua representação como solo de literatos não é decorrente apenas do sucesso adquirido por intelectuais como Ascenso Ferreira, Hermilo Borba Filho e muitos outros, mas por um legado de práticas promovidas no ambiente de cultura letrada, formado desde o Século. XIX. No Club Literário de Palmares seu mais significativo emblema. Paulo Freire em “Cartas a Cristina 1994”⁴ certifica que:

[...] “O movimento de Cultura Popular nasceu da vontade política de Miguel Arraes, então recém-empossado prefeito da cidade do Recife, a que juntou à vontade igualmente política de um grupo de líderes operários, de artistas, de intelectuais e de jovens estudantes.

Ontem era à direita que, opondo-se duramente a prática educativa progressista, nos acusava de subversivos e irresponsáveis por que propúnhamos uma educação comprometida com a transformação do mundo, com vistas à superação das injustiças sociais.

Se as classes dirigentes deste País continuam a fugir da luta como o diabo da cruz, se Lula vencesse o pleito, se se dizia, com absoluta convicção que a eleição de Lula iria significar o fechamento de todas as escolas particulares do Brasil, se se apregoava o fim da propriedade privada com Lula à frente do governo, imagine-se, nos anos 60, como reagiriam essas classes à política popular do MCP, associada ainda a Miguel Arraes, uma espécie de demônio vestido de gente”. (COELHO, 2012).

Em relação à imagem que perdurou sobre o MCP, ela pode ser relacionada com a análise de Le Goff (1994) que conferiu: “[...]“A memória, onde cresce a história, [...], procura salvar o passado para servir o presente e o futuro.”[...]” Dentro desse requisito explícito, se encontra a ênfase da memória e das concepções deixadas na atualidade sobre o MCP e a educação dialógica⁵, firmada com e para os oprimidos, o MCP deflagrada a convicção de que a cultura é uma necessidade e, mudará os cursos da história brasileira, através de uma ampla contribuição para o desenvolvimento de todos. Nessa vertente, Coelho (2012) afirmou:

[...] Afinal, estava sendo cunhada a expressão “realidade brasileira” na crista da onda nacionalista que empolgava nossa geração Che e Fidel

⁴ Citado por Coelho (2012).

⁵ O posicionamento Freireano (FREIRE, 1997, p. 46) revelou que: “[...] Não posso pensar-me progressista se entendo o espaço escolar como algo meio neutro, com pouco ou quase nada a ver com a luta de classes [...]”

eram meus heróis da liberdade, a revolução cubana nos convencia de que era possível salvar nossa pátria do latifúndio, da mentalidade de raízes escravagistas, do conservadorismo paralisante, do imperialismo americano, da burguesia entreguista e opressora.

E assim, embalado pela paixão revolucionária, me deparei com o MCP [...]. (COELHO, 2012).

O postulado é operante e determinante, em um cenário centrado no MCP, que é evidenciado a partir de 1958. Por isso, que os comentários constantes eram elencados pelas pessoas, que denominavam os participantes e fundadores do MCP de comunistas⁶. Convém ressaltar, que houve também um processo de interiorização do Movimento de Cultura Popular para a cidade de Palmares, Mata Sul de Pernambuco. Contudo, o MCP com seus ideais e, suas ideias se estenderam para o interior, nessa ocasião, seus integrantes pensaram em disseminar os objetivos propostos, efetivados com a chegada de Miguel Arraes ao Governo do Estado de Pernambuco, em 1962. Dois núcleos distintos foram implantados, um em Palmares e o outro em Barreiros, sendo ela uma das professoras que coordenou a formação das equipes de monitores.

Ademais, o MCP deflagrou seu direcionamento para a área da saúde também, conforme demonstra o relato intitulado: O dia a dia no Posto de Saúde do Vasco da Gama na periferia do Recife, é destaque pois, demonstra a dimensão do que foi o MCP, diante da confirmação abaixo:

[...] Enquanto, a ação profilática se desenvolvia aceleradamente, o MCP assumiu também, atividades curativas. Ouvimos, então, Ausany de França, estudante de Enfermagem da Universidade Federal de Pernambuco, mais conhecida entre nós, como Zanita. Ela já aparece nessa história, no Coral Falado do MCP, recitando o “Operário em Construção”, de Vinícios de Moraes, de 1963, ela foi supervisora DO Posto de Saúde de Vasco da Gama. Seu depoimento é aqui imprescindível.

“Trabalhei, no MCP, sob a orientação do dr. Bianor Teodósio, muito embora o Posto de Saúde estivesse sob a direção de um médico da Assembleia Legislativa. A primeira providência tomada foi quanto à melhoria das condições do material utilizado nos procedimentos curativos. Partiu-se para a implantação de esterilização adequada. A demanda da população exigiu o controle imediato da tuberculose, bem como, sessões educativas de prevenção das doenças transmissíveis. Outro problema imediato acarretou cuidados especiais com as gestantes. E prescreveu uma série de medidas ligadas aos problemas de saneamento básico. Tudo isto me colocou em contato direto com a comunidade pobre do Recife.

⁶ Em 1847 Marx e Engels (2007) aceitaram a incumbência de elaborar um Manifesto da Liga dos Comunistas – este panfleto político passou a ser a designação para aqueles que estavam à esquerda dos que estão à direita e, no Brasil, serviu de denominação para os militantes que defendiam as causas dos oprimidos.

A incidência do tracoma em Águas Belas gerou inúmeros casos de cegueira ali detectados. E promoveu a ideia da criação de uma “Equipe Itinerante de Saúde”. Esta Equipe era composta de médico, odontólogo, nutricionista e técnico de Raios X. Convidada, acompanhei a Equipe Itinerante para a realização do trabalho educativo sobre o tracoma em águas Belas.

Essas viagens pelo Interior exigiam um contato prévio com o prefeito da cidade selecionada. A garantia de hospedagem. A participação voluntária de técnicos locais de saúde. A disponibilidade de Raios X e recursos [...] (COELHO, 2012, P.43).

As questões referenciadas demonstram o modo como agia os integrantes e, as prerrogativas dos que faziam parte do MCP eram efetivadas, simultaneamente, com outras perspectivas. Embora, culminou em adversidades que, levou ao seguinte:

[...] Incomodados com o rumor circulante, católicos membros do Conselho de Direção MCP ou, sem serem dirigentes, que participavam do seu dia-a-dia, entre os quais eu próprio, Anita Paes Barreto, Paulo Freire, Paulo Rosas, Sylvio Loreto, Padre Jaime Diniz, penso que Argentina e Norma, tivemos um encontro co dom Carlos Coelho, homem de mente aberta, que então assumira o Arcebispado de Olinda e Recife. Falei francamente. Antes, já havia procurado Dom Carlos Coelho, a quem levava o Estatuto e outros documentos relativos à entidade. Dom Carlos pediu alguns dias, para ler os papéis que lhe entregara e pensar. Não se registrou restrição oficial, por parte da Igreja Católica.

Apesar disso, o Golpe de 1964 alcançou em cheio o MCP. Muitos de nós foram presos ou sofreram diversos modos de coação. O exílio, mesmo voluntário, dificilmente poderia ser considerado uma opção desejada. [...]. (LIMA, 2001, p. 31).

Afinal, o resultado desses acontecimentos descritos, são, portanto, evidências de que o envolvimento de Paulo Freire com o Movimento de Cultura Popular de Recife - PE, se tornou, na verdade, um conjunto de referencial para ser situado na memória educativa brasileira.

4. CONCLUSÃO

Paulo Freire hoje é ovacionado em diversos países do mundo, mas, o MCP também teve como participantes atores letrados que naquela época gozavam de grande reconhecimento e prestígio diante da sociedade, os quais se posicionavam politicamente e estavam mais próximos dos projetos da oligarquia canavieira.

Para confirmar ou não, as histórias e as memórias daquele período e os desafios que perpassam para além do esquecimento, foi preciso comprovar através da pesquisa bibliográfica que possibilitou escrever essas laudas.

Em suma, com o golpe militar de 1964 o MCP foi extinto, e muitos dos seus integrantes foram exilados ou presos como forma de punição. Prova disso, é que Foucault (1987) entende: “A punição vai-se tornando, pois, a parte mais velada do processo penal. [...]”.

Pelo âmbito de Aranha (1996, p. 211) significou que: “[...]“Os brasileiros perdem o poder de participação e crítica, e a ditadura se impõe, violenta [...]”.

Quanto ao Estado de Pernambuco e a cidade de Recife que, também se destacavam enquanto sedes de usinas, pois era rodeada de engenhos e terras propícias ao cultivo de cana-de-açúcar. Assim, como, era entreposto de locomotivas, gozando de perspectivas, que respaldam a dinâmica econômica.

Todavia, nas terras pernambucanas havia um atraso na oferta de escolarização do povo do campo, pois as promessas de expansão da rede escolar para o campo, estabelecidas desde os anos 1948 e 1953, esses episódios já eram demonstrados nas notícias de dois Jornais da localidade: A Notícia e O Vigilante, que apresentam um mapeamento e uma montagem do sistema de educação pertinente em Palmares, por exemplo, às informações esclarecem muito a situação da escolarização local.

Finalmente, a metodologia de Freire confere e amplia o sentido do conhecimento construído pelo aluno ao longo de sua vida. Dessa maneira, ficou visto como o patrono da educação do Brasil, por ser um educador, pedagogo e filósofo.

5. REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação**. 2ª ed. – São Paulo: Moderna, 1996.

BARBOSA, Letícia Rameh. **Movimento de Cultura Popular em Pernambuco: evolução e impactos na sociedade**. Tese de doutorado em educação, Universidade Federal da Paraíba em 2007.

BARRETO, Tobias. **Dias e noites**. Org. Luiz Antonio Barreto. Introd. e notas: Jackson da Silva Lima. 7.ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Record; Brasília: INL, 1989. p.280.

CARVALHO, M. E. G.; BARBOSA, M. G. C. **Memórias da educação: a alfabetização de jovens e adultos em 40 horas (Angicos/RN, 1963)**. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.43, pp. 66-77, set2011.

COELHO, Germano. **MCP: história do Movimento de Cultura Popular**. Recife: Ed. Do Autor, 2012.

CUNHA, Luiz Antônio. **O golpe na educação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhe. Petrópolis, Vozes, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.

_____. **PAULO FREIRE**. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/vo000013.pdf>. Acesso em: marc.2023.

_____. **PAULO FREIRE**. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Método_Paulo_Freire. Acesso em: marc.2023.

FUNDAJ. **MCP**. Disponível em: <Pesquisaescolar@fundaj.gov.br>. Acesso em: marc.2022.

GERMANO, José Willington. **Estado militar e educação no Brasil**. 5ª ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

GÓES, Moacyr de. **De pé no chão também se aprende a ler, 1961-1964: uma escola democrática**. 2ª ed. – São Paulo: Cortez, 1991.

INSTITUTO PAULO FREIRE. Disponível em: <https://www.paulofreire.org>. Acesso em: marc.2023

LE GOFF, J. Memória. In: LE GOFF, J. **História e memória**. Trad.: Bernarda Leitão (et al). 3ª ed. Campinas: UNICAMP, 1994.

LIMA, Maria Nayde dos Santos; Rosas Argentina (organizadoras). **Paulo Freire: Quando as ideias e os Afetos se Cruzam**. Recife, Ed. Universitária UFPE/Prefeitura da Cidade do Recife, 2001.

MARX, KARL Heinrich; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. Tradução: Pietro Nasseti. São Paulo – SP, Editora Martin Claret Ltda, 2007.

PAIVA, Vanilda P. **Educação popular e educação de adulto: contribuição à história da educação brasileira**. São Paulo, Loyola, 1973, p. 369.

PERNAMBUCO. **Estatuto do MCP**. Disponível em <http://forumeja.org.br/doc.mcp>. Acessado em: mar. 2024.

PERNAMBUCO. **Memorial do MCP**. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1986. (Coleção Recife – Vol. XLIX). p. 196.

PERNAMBUCO. Jornal Diário de Pernambuco, 1962.

PERNAMBUCO. Jornal A Notícia, 1948 e 1950.

PERNAMBUCO. Jornal O vigilante, 1948.

SAVIANI, Dermeval. **Histórias das ideias pedagógicas no Brasil**. 4ª ed. – Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

SHIROMA, Eneida Oto, et al. **Política Educacional**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.